

A SEMIÓTICA APLICADA AO CONTO NOS EVENTOS DE LEITURA EM SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Nazareth de LIMA ARRAYS¹
Universidade Federal da Paraíba – UFCG
Nazah_11@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar um direcionamento didático-metodológico de construção de sentido do discurso *Viva Deus e Ninguém Mais!* capaz de ser aplicado nas séries finais do ensino fundamental. Seguindo uma metodologia de pesquisa bibliográfico-analítica, utilizamos como base teórica a semiótica greimasiana que se compõe de um percurso gerador da significação composto de três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Neste artigo, priorizaremos o nível narrativo, considerando o limite de espaço de discussão.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica. Conto. Sentido.

SEMIOTICS APPLIED TO THE SHORT STORY ON READING EVENTS IN BASIC EDUCATION CLASSROOMS

ABSTRACT: The following paper aims to present a didactic-methodological direction targeting the construction of meaning of *Viva Deus e Ninguém Mais!* that can be applied to the final grades of primary school. Following a method of bibliographic-analytical research, we use the Greimasian semiotics as theoretical foundation, which consists of a path that generates meaning composed by three levels: fundamental, narrative and discursive. In this paper, we prioritize the narrative level, considering the limited space of discussion.

KEYWORDS: Semiotics. Short story. Meaning.

1 Apresentação

Mesmo inconscientemente, em todo momento, tentamos significar o que existe ao nosso redor na tentativa de entender nosso papel no mundo. Nesse sentido, é que a leitura se torna essencial e indispensável à vida. Necessário, portanto, dar-lhe um tratamento e um lugar

¹ Professora da Graduação em Letras e do Mestrado Profissional em Letras do Centro de Formação de Professores – Campus de Cajazeiras, Paraíba, Brasil. Possui Doutorado e Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba.

de destaque em sala de aula, haja vista o dever de a escola contribuir para a construção de um conhecimento que promova o aluno a sujeito social.

De acordo com os PCN, dominar a língua/gem é a forma mais adequada para uma participação social plena, pois “é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento” (BRASIL, 1997, p 21).

Significa que é a linguagem a grande condutora que promove positivamente a educação. É por meio da linguagem que a pessoa constrói a sua história, se transformando e transformando o mundo. Ou seja, “pela linguagem se expressam idéias, pensamento e intenções, se estabelecem relações interpessoais anteriormente inexistentes e se influencia o outro, alterando suas representações da realidade e da sociedade e o rumo de suas (re)ações” (BRASIL, 1998, p. 20).

Pensando assim, entendemos ser a semiótica, como ciência da significação, uma base teórico-metodológica apropriada para a construção de sentidos em eventos de leitura em sala de aula da educação básica. Aplicada a qualquer discurso, seja verbal, não verbal ou sincrético, a semiótica oferece ao leitor curioso uma justa sistematização para se chegar a significações mais satisfatórias. A sala de aula, nesse sentido, é um ambiente conveniente para este direcionamento: são vários sujeitos (alunos), cada um com seu conhecimento de mundo, numa mesma direção: significar o discurso.

O objetivo desse material é apresentar um direcionamento didático-metodológico de construção de sentido do discurso *Viva Deus e Ninguém Mais!* capaz de ser aplicado nas séries finais do ensino fundamental. Para tanto, utilizaremos como fundamento a semiótica greimasiana que se compõe de um percurso gerador da significação composto de três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. No entanto, neste artigo, priorizaremos o nível narrativo como primeiro nível de leitura, considerando o limite de espaço de discussão.

Noutras publicações, daremos continuidade à construção do significado do conto, seguindo os demais níveis: discursivo e fundamental.

Para a seleção do conto *Viva Deus e Ninguém Mais!*, foi considerado primeiramente o nível (série/ano) dos possíveis sujeitos enunciatários. Depois, uma temática de alcance de todos e de fácil testemunho social: a religiosidade. Identificar-se com alguma faceta do discurso é um aspecto que facilita a apreensão do sentido. Pensando assim, o professor pode selecionar o conto a ser levado para sala de aula por meio de uma pesquisa temática entre os próprios alunos. E, considerando os temas elencados, tanto pode trazer os textos ou pedir aos alunos que pesquisem na comunidade se tem algum contador (pode ser até mesmo os próprios pais) para lhe contar uma história, orientando-os a registarem graficamente ou na memória, dependendo do direcionamento que vai tomar para atender à necessidade do seu aluno e da estratégia que vai usar em sala de aula.

Este texto é parte da discussão proposta pelo projeto de pesquisa *Semiótica e literatura popular: contribuições para a produção de sentido em eventos de leitura em sala de aula da educação básica*, aprovado pela Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Campus de Cajazeiras. O projeto conta com participantes do curso de Letras/Língua Portuguesa e do Mestrado Profissional em Letras deste mesmo campus.

2 O conto

As histórias que o povo conta, aqui na especificidade de conto popular, são narrativas rememoradas e repassadas de geração a geração pela oralidade, transportando valores/ideologias características da comunidade que por ela passam.

De enredo curto, conservando os motivos, essas narrativas são alteradas em sua roupagem, uma vez que os sujeitos que delas se apropriam são individualidades num tempo e

espaço específicos, embora também carreguem uma coletividade sociocultural e espaço-temporal.

Além disso, essas construções não têm autor, um proprietário que possa reclamar direitos autorais, pois se trata de uma sequência de fatos, cujo contador se faz enunciador do que ouviu. Assim, qualquer pessoa que se disponha a narrar é o enunciador daquele discurso. Eis porque podemos encontrar várias versões de um mesmo conto, por exemplo, na coletânea *Contos Tradicionais do Brasil*, publicada em 1986, de Câmara Cascudo, encontramos dois textos (*texto* nesta discussão será usado como a materialização do discurso, objeto de significação e comunicação) do mesmo conto, *Quirino, vaqueiro do rei* e *O Boi Leição* (Esta foi uma versão analisada por Lima Arrais, em sua tese de doutoramento intitulada *O fazer semiótico do conto popular nordestino: intersubjetividade e inconsciente coletivo*), na seção *Contos de exemplo*. A última versão, ouvida da tradição oral por José Maria de Melo, em Viçosa, no Estado de Alagoas, no ano de 1946, e a primeira, ouvida por João Monteiro, em Natal, No Estado do Rio Grande do Norte. São versões do conto *The faithful servant* (O empregado fiel), tipo 889, classificado como II- Contos folclóricos comuns, C. Novelas/Contos românticos, no *Catálogo do Conto Popular Brasileiro* de Nascimento, 2005.

O conto é um gênero discursivo, assim como o cordel, as cantigas de roda, entre outros, para nomear os que se inserem no universo literário de expressão popular. Esses gêneros se diferenciam quanto à modalidade (oral e escrita), a estrutura (verso, prosa, drama). Para Machado (2007, p.159), “Os gêneros surgem dentro de algumas tradições com as quais se relacionam de algum modo, permitindo a reconstrução da imagem espaço-temporal da representação estética que orienta o uso da linguagem [...]”.

O conto a seguir, que é o *corpus* de aplicação deste artigo e cujo título é *Viva Deus e Ninguém Mais!*, foi contado por Clotilde Caridade Gomes, em Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, e consta na coletânea *Contos tradicionais do Brasil* de Câmara Cascudo, na

seção dos *Contos religiosos*, indicador de matéria de intervenção divina. Este conto não consta no *Catálogo do Conto Popular Brasileiro* de Nascimento (2005).

Vejamos o texto na íntegra.

Era uma vez um casal de velhos muito unidos e religiosos. O velho, que era pescador, só falava dizendo um versinho assim:

Viva Deus e ninguém mais,

Quando Deus não quer,

No mundo nada se faz!

Tanto dizia que acabou chegando aos ouvidos do rei, que era orgulhoso demais. Aborreceu-se muito e mandou chamar o velho pescador. Este, logo subindo a escadaria, e mesmo na presença dele, foi dizendo o versinho: viva Deus e ninguém mais...

Aí é que o rei ficava furioso com aquele atrevimento. Deu ao pescador um anel muito precioso e disse que voltasse quinze dias depois, trazendo a joia.

O pescador entregou o anel a mulher recomendando muito e continuou na sua vida no mar. O rei mandou um criado de confiança comprar o anel. A velha não queria vender, mas o criado tanto dinheiro ofereceu que a velha ficou tonta e vendeu o anel. O criado entregou ao rei e este, por segurança, atirou-o ao mar.

Quando o velho voltou e achou tanto dinheiro em casa e soube da verdade, botou as mãos na cabeça, vendo que estava morto. Não deixou de ir pescar na madrugada e logo no primeiro lanço de tarrafa trouxe um peixe grande e gordo que ele separou para sua ceia. Voltando, vendeu os peixes e mandou preparar o tal peixe. Assim que a velha abriu a barriga do peixe, encontrou o anel. Levou-o ao marido que não tinha deixado de dizer o seu “Viva Deus e ninguém mais”.

No dia marcado o pescador subiu as escadas do palácio e quando o rei pediu a joia, o velho a entregou, limpinha como a tinha recebido. O rei ficou assombrado e disse:

- O senhor tem toda razão. Viva Deus e ninguém mais, quando Deus não quer, no mundo nada se faz.

Deu-lhe muito dinheiro e despediu-o. O velho voltou e morreu com mais de cem anos sempre cantando o verso:

Viva Deus e ninguém mais,

Quando Deus não quer,

No mundo nada se faz...

3 Proposta didática fundada na semiótica para significação do conto

Aqui apresentaremos uma proposta de estudo do nível narrativo, como primeiro nível de leitura, do conto *Viva Deus e Ninguém Mais!*, seguindo uma metodologia fundada na semiótica. Cada nível do percurso gerador da significação compreende níveis de leitura: um nível primário, um intermediário e um profundo. A proposta pode ser articulada em diferentes momentos temporais nas aulas de língua portuguesa a depender do objetivo.

Para explorar o primeiro nível de leitura, o professor deve estabelecer um objetivo, por exemplo, examinar os elementos do nível narrativo do discurso, compreendendo como simulacro das relações sociais. É importante relacionar esses elementos do percurso narrativo com os elementos implicados na vida real de cada pessoa/sujeito. Determinada a meta, o professor deve planejar estratégias didáticas para extrair os sentidos do texto, uma vez que “Não basta recomendar que o aluno leia atentamente o texto muitas vezes, é preciso mostrar o que se deve explorar nele. A sensibilidade não é um dom inato, mas algo que se cultiva e se desenvolve” (FIORIN, 2014).

E esse “mostrar” envolve o conhecimento de uma gramática do discurso. Com isso, além de interpretar, o aluno certamente também vai escrever com mais segurança e eficácia. Assim, num primeiro momento, o professor direciona seu aluno a examinar a performance do sujeito. São as relações do sujeito com os elementos do seu entorno, a que chamamos de sintaxe narrativa.

A sintaxe narrativa compreende o desempenho de um sujeito que realiza um percurso em busca de um objeto de valor, sendo motivado por um destinador e ajudado por um adjuvante ou prejudicado por um oponente. E é, por assim se organizar, que a narrativa amplia seu espaço de atuação para englobar todo o enunciado, onde se confirma a existência de um sujeito (LIMA ARRAIS, 2011, p.34).

Para esse momento, Greimas (1977, p.179) orienta que um sujeito pode ser vivido por apenas um ator, ou, quando há um conflito, vários sujeitos podem ser vividos por apenas um ator, ou ainda, um sujeito pode ser vivido por vários atores.

Num segundo momento, o professor pode direcionar a observação para a exploração dos valores do sujeito. De natureza semântico-cognitiva,

[...] esses valores são imprescindíveis para que o sujeito realize seu percurso que o fará conjunto ao seu objeto de valor. A modalização corresponde tanto ao enunciado do *estado* quanto ao enunciado do *fazer*. O enunciado do estado denomina-se modalização do ser e volta-se para o sujeito modal. O enunciado do fazer recebe o estatuto de modalização do fazer, responsável pela competência modal do sujeito do fazer. Tanto a competência do sujeito

do estado quanto do sujeito do fazer regem os predicativos: *querer, dever, poder, saber* (LIMA ARRAIS, 2011, p.37).

A competência do sujeito é responsável pela passagem da virtualização à realização. De acordo com Greimas (1977, p. 183), para se realizar a performance, antes o sujeito precisa deter uma competência que é o saber que lhe capacita à busca.

Sugerimos como estratégia mediadora para examinar os sentidos do texto, durante o evento de leitura em sala de aula, o uso de questionamentos, por exemplo:

- Entendendo que sujeito (S) é aquele que tem um objeto de valor (OV) e que, quando houver um conflito, um só ator pode ser vivido por mais de um sujeito, quantos sujeitos o texto apresenta, como ele é nomeado/figurativizado e qual o objeto de valor principal de cada um?

- Para construir o universo de cada sujeito nomeado, ou seja, o Programa narrativo, quem são: Adjuvante/s (quem ajuda ao Sujeito a conseguir o objeto de valor); Oponente/s (quem tenta prejudicar o sujeito); Destinador (quem destina o sujeito à busca); Antissujeito (aquele que disputa com o sujeito o mesmo objeto de valor); Antidestinador (quem destina o Antissujeito); e o antidestinatário (quem estabelece uma relação contratual com o antidestinador)?

- Depois do percurso que o sujeito segue para conseguir seu objeto de valor, o sujeito fica de posse ou privado de seu objeto de valor? Como acontece o percurso? Quais os objetos secundários e as ações (performance) que ele realizou para consegui-lo?

É importante que o professor esclareça que os elementos podem estar parcialmente presentes, ou que não é obrigatório identificar todos. Nesse sentido, a interação professor/aluno/texto é sempre necessária. As perguntas podem e devem ser desmembradas e ampliadas em detalhes na hora da interação.

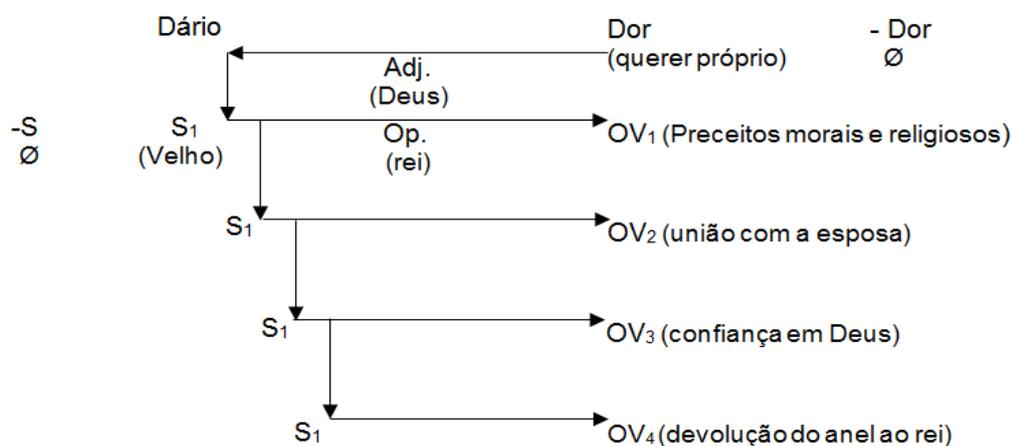
Simplificadamente, apresentamos os Programas Narrativos, os Percursos Narrativos e as modalizações dos Sujeitos presentes no conto *Viva Deus e Ninguém Mais!* como sugestão de construção de sentidos que levem a uma significação.

3.1 Primeiro nível de leitura

O velho pescador (S₁) tem como objeto de valor (OV) principal os preceitos morais e religiosos. Para isso, precisa manter o papel de bom marido e bom fiel a Deus. Caracteriza-se pela modalização de um querer-ser unido e religioso e um querer-fazer realizar o papel de ser um homem que detém valores morais e religiosos e, dessa forma, conseguir o objeto de valor principal.

A condição primeira para ele desempenhar esse papel é a propagação da fé e da vontade de Deus (OV₂). Além disso, ele precisa manter a união com esposa (OV₃), ter confiança em Deus (OV₄) e realizar a devolução do anel ao rei (OV₅). Para tanto, ele recita o versinho que fala da fé e da vontade de Deus, confia o anel do rei aos cuidados da esposa, espera a providência divina para salvá-lo da morte, mas trabalhando, e recebe a bênção de encontrar o anel.

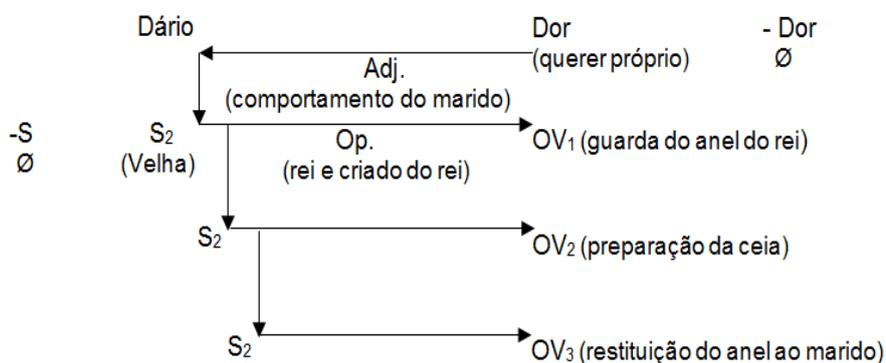
O Programa Narrativo Principal e os Programas Auxiliares podem ser demonstrados assim:



A velha é um ator em conflito, uma vez que tem dois objetos de valor principal. Em razão disso, ela representa dois sujeitos semióticos. Enquanto S_2 , a velha tem como objeto de valor (OV) principal a servidão ao marido. Para isso, precisa manter a condição de esposa unida e leal, caracterizada pela modalização de um querer-fazer realizar o papel de esposa obediente e, com isso, ficar de posse de seu objeto de valor principal.

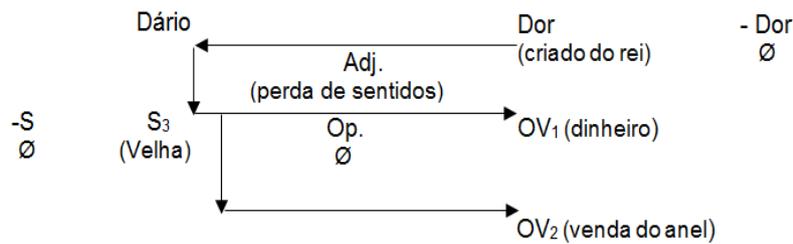
A condição primeira para exercer esse papel é a guarda do anel (OV_2). Além disso, ela também realiza a preparação da ceia (OV_3) e a restituição do anel do rei ao marido (OV_4). Para tanto, ela toma conta do anel que o marido lhe entrega, trata o peixe e encontra o anel do rei dentro do peixe.

O Programa Narrativo Principal e os Programas Auxiliares podem ser demonstrados assim:



Enquanto S_3 , a velha tem como objeto de valor (OV) principal o dinheiro. Para isso, precisa esquecer sua real situação e “ficar tonta”, ou seja, tocada com a proposta de muito dinheiro que receberia em troca do anel. Embora caracterizada pela sobremodalização de um não querer-fazer realizar o papel de esposa desobediente, foi persuadida a realizar a venda do anel (OV_2).

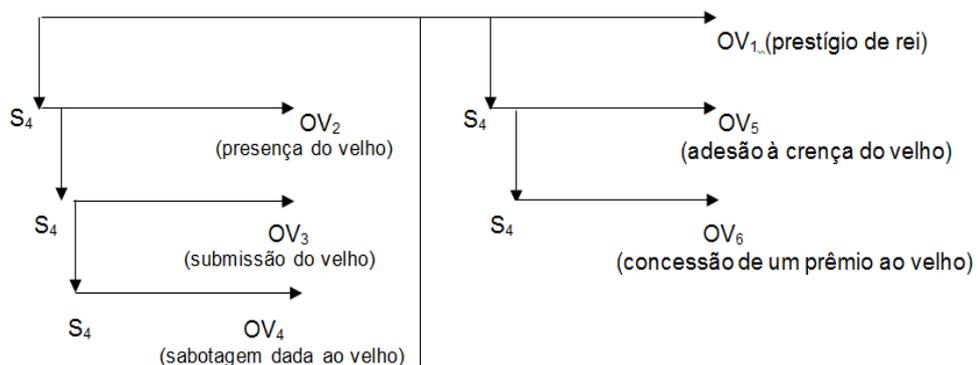
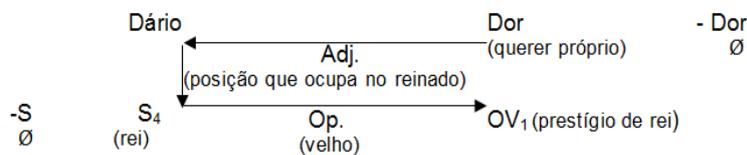
O Programa Narrativo Principal e os Programas Auxiliares podem ser demonstrados assim:



O rei (S₄) tem como objeto de valor (OV) principal o prestígio de rei. Para isso, precisa manter a condição de autoridade maior. Caracteriza-se pela modalização de um querer-fazer realizar o papel de rei conforme a posição que ocupa no palácio e, dessa forma, conseguir o objeto de valor principal.

O percurso do rei é composto de dois momentos: inicialmente, a condição primeira para ele desempenhar esse papel é a presença do velho (OV₂) no palácio, depois ele precisa reafirmar a submissão do velho (OV₃), providenciar a sabotagem da tarefa (OV₄) proposta ao velho e, num segundo momento, aderir à crença do velho (OV₅) e, em seguida, realizar a concessão de um prêmio ao velho (OV₆). Para tanto, ele ordena que chame o velho à sua presença, impõe-lhe uma tarefa, ordena que o criado compre o anel e dar dinheiro ao velho.

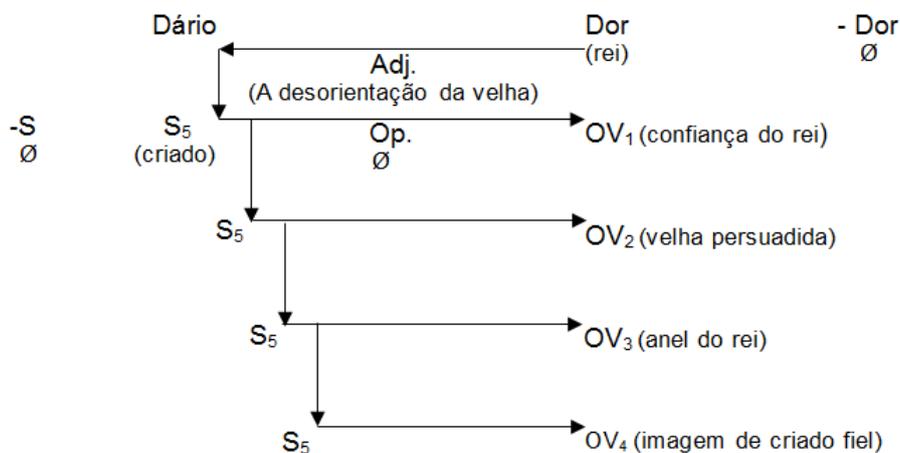
O Programa Narrativo Principal e os Programas Auxiliares podem ser demonstrados assim:



O criado do rei (S₅) tem como objeto de valor principal a confiança do rei. Para isso, precisa conservar-se na condição de criado, reconhecido pelo rei como obediente e leal. Assim, caracteriza-se pelas modalizações de um dever-fazer e um querer-fazer executar o papel de criado conforme os valores destinados pelo rei e, dessa forma, conseguir seu objeto de valor principal.

A condição primeira pra ele desenvolver esse papel é a de que a velha seja persuadida à venda (OV₂). Com isso, ele obtém o anel do rei (OV₃), e preserva a imagem de criado fiel (OV₄). Para tanto, ele oferece muito dinheiro à velha, compra o anel e entrega-o ao rei.

O S₅ qualifica-se como sujeito virtual pela modalização de um querer-dever-fazer, atualizado pela modalização de um poder-fazer. O criado antes de se instaurar na narrativa já estava de posse de seu objeto de valor principal, pois o rei já lhe tinha confiança. O Programa Narrativo Principal e os Programas Auxiliares podem ser demonstrados assim:



Esta representação esquemática auxilia o aluno a compreender o universo de relações de cada sujeito, bem como as ações que esse sujeito realiza para conseguir o que almeja. No entanto, ficando a compreensão desse primeiro nível de leitura, a representação gráfica pode ser mudada conforme a criatividade de quem explora os sentidos do texto.

Considerações Finais

As narrativas populares apresentam um enunciador que quase sempre fazem emergir sujeitos figurativizados por seus papéis temáticos, a exemplo do conto analisado onde nenhum nome próprio encontramos. Isto porque os valores que buscam e o percurso que seguem, embora inseridos num tempo, nos dizem que podem ser de qualquer um de nós.

Nesse sentido, possibilitar a atuação do aluno como um sujeito semiótico que eles investigam nos textos, é direcioná-los à vivência de situações que podem funcionar como uma proposta de intervenção nas práticas sociais. É nesse sentido que a leitura sob a perspectiva semiótica é facilitadora da construção do conhecimento: o aluno apreende os sentidos do discurso, analisa e expõe seu pensamento, interagindo com os demais e o com o professor/mediador.

Do direcionamento didático do conto *Viva Deus e Ninguém Mais!*, é possível que sejam identificados, conforme análise, o velho/pescador, a velha como dois sujeitos, o rei e o criado do rei, realizando um percurso em busca de seus desejos: preceitos morais e religiosos, guarda do anel do rei, dinheiro, prestígio do rei e confiança do rei, respectivamente.

Esperamos que este estudo produza efeitos positivos especialmente nos professores da educação básica. Que possam, por meio da leitura e do conhecimento do que aqui vai dito, se disporem de mais uma estratégia de leitura para acrescentar à sua prática docente em sala de aula. Isto porque fazer uso da semiótica aplicada aos gêneros literários de expressão popular como ferramenta pedagógica em sala de aula é possibilitar ao aluno um olhar sistematizado sobre os sentidos do discurso e a tomada de consciência da qualidade que tem a cultura local e, com isso, valorizá-la.

Referências

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

GOMES, C. C. Viva Deus e Ninguém Mais! In: CASCUDO, L. C. **Contos tradicionais do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Universidade de São Paulo, 1986. p. 279-280.

GREIMAS, A. J. Os actantes, os atores e as figuras. In: CHABROL, C. **Semiótica narrativa e textual**. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 179-186.

LIMA ARRAIS, M. N. **O fazer semiótico do conto popular nordestino: intersubjetividade e inconsciente coletivo**. [Tese] João Pessoa, UFPB, 2011.

NASCIMENTO, B. **Catálogo do conto popular brasileiro**. São Paulo: IBECC, 2005.